A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DOS/AS OPERÁRIOS/AS TÊXTEIS DE FERNÃO VELHO (MACEIÓ-AL)

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho refere-se ao resumo de uma tese de doutorado em Ciências Sociais em processo de construção e trata do estudo sobre o processo de perda da memória coletiva de um grupo operário situado na periferia de Maceió-AL. Este grupo trabalhou na Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem de Fernão Velho, a mais antiga e próspera indústria têxtil de Alagoas, fundada em 1857 (SANT'ANA, 1970; MACIEL, 2007; ALMEIDA, 2006), a qual teve seu apogeu econômico durante a segunda metade da década de 1940 e início da década de 1960, fechando definitivamente suas portas em 15 de janeiro de 2010.

O processo que o trabalho analisa está interligado com as transformações internacionais ocorridas no mundo da produção e do consumo (do fordismo à acumulação flexível), o qual condicionou profundas mudanças nos setores tradicionais, acarretando forte impacto para a identidade de classe e a memória coletiva para os/as trabalhadores/as em boa parte do mundo.

Portanto, o período de efervescência econômica, política, social e cultural do grupo estudado ocorreu dentro de uma fase específica do capitalismo, predominada pelo fordismo, que se caracteriza por ser um sistema rígido, de produção em massa de produtos padronizados, baseado na linha de montagem, no poder corporativo, na administração científica e no Estado como responsável pelo complemento salarial, através do fornecimento direto de assistências aos trabalhadores, seguridade social etc. Segundo Harvey (1994), o fordismo teve seu esplendor internacional entre os anos de 1945 a 1973.

Entretanto, o grupo estudado está num sistema onde era quase inexistente a participação do Estado sobre a administração da vida dos/as trabalhadores/as. É o que se denomina sistema de "fábricas com vila operária" (LOPES, 1988) ou, se preferir, de "núcleo fabril" (CORREIA, 1998). Neste sistema, a classe patronal é responsável não só pela administração interna da fábrica como também pelo controle dos mais variados

aspectos da vida extra-trabalho: casas, cinema, clubes, festas, assistência médica etc., eram promovidas pela administração fabril.

Estes mecanismos de controle extra-trabalho, mesmo não se utilizando do Estado, estavam bastante próximos dos propósitos do fordismo, que, segundo Gramsci (2008), preocupa-se na intervenção sobre a vida privada dos empregados, buscando controlar os gastos salarias dos trabalhadores, a sexualidade e o uso de bebida alcóolica, com intuito de fazer render melhor a força de trabalho durante a produção.

Dentro da conjuntura acima apresentada se constrói a identidade de classe destes/as operários/as. Porém, com as transformações ocorridas no mundo capitalista, a partir da segunda metade da década de 1960, o fordismo vai cedendo lugar à acumulação flexível, a qual, valorizando bem mais o setor de serviços, "[...] se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo" (HARVEY, 1994, p. 140).

Como já salientamos, estas mudanças estruturais do capitalismo afetaram de forma radical diversos setores tradicionais pelo mundo afora (como o têxtil, por exemplo). As vilas operárias também vão sendo abandonadas pelos industriais. De acordo com David Harvey (1994), dentro deste novo contexto produtivo, o mercado de trabalho se torna bastante competitivo, os trabalhadores "centro" (trabalhadores em tempo integral e permanentes) são radicalmente substituídos pelos subgrupos da "periferia" (empregados por tempo integral, casuais, contrato por tempo determinado etc.).

Portanto, este trabalho está permeando entre dois diferentes modos e tempos distintos de estranhamentos para o trabalhador. No primeiro, tem-se a alienação ligada às relações de produção, onde o estranhamento está ligado mesmo ao seu produto e à sua atividade (SILVEIRA, 1989), pois no contexto em que os trabalhadores estão inseridos no fordismo e na vila operária, suas práticas sociais estão condicionadas por essas circunstâncias, onde as relações de produção separam fisicamente e espiritualmente o homem de seu produto: os frutos de seu trabalho, a propriedade privada e o estranhamento em relação à sua própria condição tornam estranhas suas práticas e suas condições (Idem).

Já no segundo momento, as gerações de filhos e netos desse grupo de trabalhadores/as apresentam um diferente tipo de estranhamento, que corresponde ao que Simone Weil (1979) chama de "desenraizamento operário". Ou seja, o desemprego e ao desvinculamento com o passado da classe (perda da memória coletiva) destroçam a "[...] experiência que tornaria possível a ação individual responsável, aquela que tem por finalidade a defesa do bem comum" (SANTOS, 2003, p. 19), pois "como todas as atividades humanas, a revolução extrai toda a seiva de uma tradição" (WEIL, 1979, p. 354).

Neste contexto, a desconexão para com os elementos que fomentam uma identidade de classe, a qual lança lampejos de rompimento com a alienação, perdem-se no tempo. As novas gerações desconectam-se de seu passado: sua condição, sua cultura e sua tradição tornam-se estranhas a si. Desta maneira, este desligamento está umbilicalmente ligado à dominação, pois para a classe dominante não interessa que o/a trabalhador/a esteja ligado com o passado de sua classe. A classe dominante busca por vários meios arrancar-lhes sua história.

A partir da exposição dessas premissas, podemos afirmar que são estas condições que permeiam o processo de perda da memória e da identidade dos/as trabalhadores/as da Fábrica Carmen. Seu passado de lutas está gradativamente descartado da memória social. Os novos rumos das relações de trabalho possivelmente substituirão sua história por uma não-história.

Assim, este estudo posiciona na perspectiva do materialismo histórico, sem perder de vista as dimensões da experiência e da cultura, bem como a própria noção de práxis, afastando-se, assim, do tradicionalismo vago, onde classe, partidos ou teorias dominantes aparecem como ponta de lança da história, apagando-se toda uma experiência dos que realmente a construíram. Portanto, o pensamento que está imbricado em sua proposta busca estar longe, da "cãimbra teórica" que se devota em torno dos estudos puramente teóricos (THOMPSON, 2009).

Segue-se assim a premissa benjaminiana de "[...] escovar a história a contrapelo", apresentando elementos que estão despercebidos pela história tradicional e trazendo o passado como elemento inquietante ao presente. Por isso, pretende-se

reconstruir um passado que vem radicalmente sendo atropelado, pisoteado e brutalmente arrancado das gerações do presente. Os velhos operários e suas memórias serão o foco desta investigação, pois estes são ainda a memória viva e prática de um passado que está sendo soprado para fora da história.

DESENVOLVIMENTO

Antes de adentrarmos nas particularidades de nosso objeto de estudo é preciso visualizá-lo enquanto parte de um todo, ou seja, precisamos estar atento ao fato de que os acontecimentos relacionados à sua história dialoga com uma totalidade dentro do modo de produção capitalista, ou seja, num sistema que se apoia sobre a necessidade intrínseca de constante desenvolvimento das forças produtivas, a qual causa impactos para as fábricas e para a vida de vários grupos de trabalhadores em variadas regiões do mundo.

Assim sendo, o capitalismo consolida suas bases a partir de meados do século XIX, tornando-se dominante em várias regiões do mundo e junto a esse predomínio carrega consigo a grande indústria como seu principal eixo produtivo. O trabalho industrial é sua grande ferramenta e para que ele se desenvolva é necessário uma classe operária que, por não dispor de capital nem de instrumentos de trabalho, vende sua força de trabalho aos donos dos meios de produção. Esta premissa e sua base teórica encontramos em Karl Marx, principalmente no livro I de O Capital e nos Manuscritos Econômico-Filosóficos.

Esta engrenagem própria do capitalismo funciona com base num incessante desenvolvimento técnico e científico tanto das máquinas, como da disciplina sobre os/as trabalhadores/as. Esta última dá margem ao surgimento de pesquisas na área de medicina, psicologia, arquitetura, engenharia, entre outras, voltadas ao estudo do melhor rendimento do trabalhador dentro da fábrica.

Além disso, a classe dominante se preocupa com a acumulação e ampliação de capitais e com comportamento do trabalhador em seu tempo livre, o qual deve também

ser disciplinado e controlado a fim de que este/a trabalhador/a renda o máximo possível de sua força de trabalho dentro da fábrica. Concordamos com Michele Perrot (1988, p. 20) quando esta afirma que o o desenvolvimento das máquinas traz também uma barreira conta a resistência dos trabalhadores, na medida em que "ela permite eliminá-los, substituí-los por uma equipe de engenheiros ou técnicos, racionalizados por natureza, mais ligados à direção da empresa".

Desse modo, a consolidação do desenvolvimento industrial e a disciplina do trabalhador se faz com os sistemas tayloristas e fordistas, os quais predominam no mundo (como já salietamos) até aproximadamente a primeira metade da década de 1970, com algumas variações regionais.

O fordismo, por sua vez, baseia-se em normas tayloristas, com o trabalho e a potencialização da produção e o consumo de massa. Para isso insere a esteira, a qual representa um avanço técnico em relação ao taylorismo, pois assim leva o trabalho ao operário, gerando "[...] uma economia de tempo para a produção através da fixação do trabalhador em postos de trabalho [...]" (BOTELHO, 2008, p. 33).

Em contrapartida, "a falta de identificação com o trabalhador com o processo produtivo e consequentemente a itensificação de sua alienação frente ao capital levaram a uma retomada das contradições históricas entre o capital e o trabalho" (Idem, p. 34).

Devido ao fato de o capitalismo ser um sistem extremamente dinâmico, o qual desenvolve-se dentro de uma lógica cíclica de crise, acensão, estagnação etc., nos momentos em que surge o seu decrescimento, intensifica-se o acirramento entre as classes sociais. Ele pressiona a classe trabalhadora para que esta possa entregar-lhe além do sangue. E esta lhe responde com maior resistênciavido, pressionando o capital a uma mudança de postura.

É dessa maneira que o capital passa por metamorfoses, mas sem perder suas características essenciais: extração da mais-valia, aumento de desenvolvimento técnico-tecnológico e ampliação do capital. É assim que o fordismo deixa de predominar para se transformar em outro ser: o toyotismo, acumualção flexível ou produção flexível, tal como passou a ser denominado o sistema pós-fordista.

Essa nova base de produção do capital é denominada "flexível" pelo fato de ter rompido com a rigidez do fordismo, por se apoiar na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Com isso, surge novos setores de produção, novos serviços financeiros e novovs mercados, onde há a terceirização da produção, o crescimento do setor de serviços e diminuição significativa dos trabalhadores denominados "chão de fábrica" (HARVEY, 1994).

É dentro das transformações apresentadas acima que está inserido nosso objeto de estudo: o operariado têxtil da Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem. Como já foi dito, trata-se da primeira indústria do Estado de Alagoas, fundada em 1857 e passando a movimentar seus teares em 1863/64. Esta indústria têxtil representa o contexto de iserção da então província de Alagoas na modernidade capitalista. (FARIAS, 2013). Á época de sua fundação denomiva-se União Mercantil S/A., mundando sua denominação para Fábrica Carmen em 1943, quando comprada pelo grupo Othon Bezerra de Mello.

É justamente durante a batuta do grupo Othon que esta fábrica tem seu apogeu econômico, social e político, apogeu este que dura ao menos até meados da década de 1960, quando empregou cerca de 5.000 trabalhadores.

Todavia, assim como as demais indústrias têxteis tradicionais de boa parte do Brasil, a Fábrica Carmen passa por sucessivas crises econômicas ao longo da década de 1980 e fecha suas portas em 1996. Como exceção dentre as indústrias têxteis de Alagoas, no ano seguinte é comprada por grupo de empresários, que consegue mantê-la em funcionamento até janeiro de 2015.

Sobre as condições muito brevemente apresentadas acima, estamos construindo a tese que procura reconstruir a história e a memória coletiva dos/as operários/as de Fernão Velho que, verdadeiramente, construíram as riquezas materiais e imateriais do local e que contribuiu inclusive de forma bastante singular para a economia e cultura do estado de Alagoas, na medida em que apresenta uma série de relações sociais, políticas e culturais peculiares dentro de um estado que possui predomínio histórico visivelmente agrário, com base na monocultura da cana de açúcar.

Entretanto, a reconstrução dessa história traz o viés benjaminiano de se identificar com os vencidos, com os que foram escanteados da história pela classe dominante, pois se coloca na "[...] tarefa de estudar a história a contrapelo" (BENJAMIN, 1940 *apud* LOWY, 2005, p. 70). Isto é, embora utilizando de fontes escritas e fílmicas, frisa-se a fala dos antigos operários com o intuito de perceber nelas a rememoração e o escavamento de indivíduos que junto a eles construíram a história da vida e do trabalho no local.

Há também uma identidade do pesquisador para com o objeto de estudo, na medida em que este conviveu praticamente toda a sua vida dentro da vila operária e observou diretamente e involutariamente, antes e depois de se tornar cientista social e historiador, o processo de desmonte da fábrica, da vila operária e a gradual e consequente perda da memória coletiva e da identidade de classe dos/as operários/as e das gerações que lhe sucude.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Tendo-se em vista os pressupostos apresentados ao longo desta breve exposição, podemos perceber que as metamorfoses do capital traz consigo sérias consequências para a classe trabalhadora, na medida em que ao passar por suas diferentes fases o capital concentra cada vez riquezas em poucas mãos, aperfeiçoa seus instrumentos, fazendo com que haja menor necessidade de contratação de força de trabalho, acirrando, portanto, o conflito social entre a classe que sequer pode ter acesso às migalhas do capital, ou seja, ao salário.

O desenvolvimento das forças produtivas cria um contexto de degradação moral, física e material dos trabalhadores, gerando para estes muitas vezes uma sensação de impotência coletiva, que se constroi pela condição de desempregado e de desconhecedor do passado da classe a qual pertencer. Este desenraizamento é um modo específico de alienação ou de estranhamento, onde o indivíduo deixa de se reconhcer enquanto ser social, histórico e político.

Dentre as várias consequências decorrentes da metamorfose apresentada anteriormente, temos o processo de desestruturação da vilas operária, ou seja, o desmonte do antigo modo de trabalho vinculado à moradia do patrão, onde os trabalhadores são concomitantemente membros da mesma vizinhança e inquilinos dos industriais, passa a se desmanchar para ceder lugar a uma espécie de cidade-dormitório.

Ao longo de nosso estudo observamos que isso traz consequências drásticas para a memória coletiva dos/as trabalhadores/as de Fernão Velho, moradores da antiga vila operária, onde tornam-se cada vez mais frágeis os elos de ligação entre o passado e o presente (BOSI, 1994). Com a perda desse passado, percebe-se que as antigas ruínas da fábrica e de espaços antes ativos e dedicados a determinadas funções da vida dos/as operários, muda seu significado simbólico coletivo da classe para metaforicamente "assombrar" os moradores, os quais gradualmente perdem-se em sua própria história.

Além da perda do patrimônio material, observamos a desconexão com o conhecimento da história local, que antes era predominantemente transmitida pela oralidade, na medida em que os narradores da história perdem o contato prático com as nova gerações. Também ocorre o desaparecimento da história viva por conta do falecimento dos/as antigos/as operários/as, devido às suas idades avançadas.

As consequências do abandono dessas referências podem ser claramente notadas através da extinção de uma tradição operária, onde as festas, o lazer e práticas cotidianas, construídas ao longo do convívio entre os membros da classe social, vão sendo apagadas, abandonadas e substituídas pela avalanche da pós-modernidade e da indústria cultural posta pelo processo de globalização, onde o consumismo e a cultura de massa são predominantemente empurradas para o cotidiano desse grupo. O passado de lutas, de trabalho e de congratulações, antes compartilhados entre os operários vão sendo apagados da memória coletiva.

Outro aspecto notado, principalmente após o definitivo fechamento da fábrica, em 15 de janeiro de 2015, é o crescimento da violência urbana, isto é, uma aumento no número de assaltos, furtos e o aparecimento do cosumo e tráfico de drogas ilícitas principalemente entre jovens de 12 aos 18 anos. Fora isso, nota-se aumento do

alcoolismo passivo, onde a quase única forma de lazer local concentra-se na ingestão de bebida alcóolica.

O interessante é que esta degradação da condição social deste grupo de trabalhadores nos indica que a perda de referencial histórico e social não gera uma nova identidade social, tal como costuma-se afirmar alguns teóricos da pós-modernidade, mas um estranhamento entre os indivíduos. Eles não se reconhcem como parte do local, as gerações se desconectam de sua própria história.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Luís Sávio de. **Notas sobre o poder, operários e comunistas em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2006.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTELHO, Adriano. **Do fordismo à produção flexível**: o espaço da indústria num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital. São Paulo: Annablume, 2008.

CORREIA, Telma de Barros. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas: Papirus, 1998.

FARIAS, Ivo dos Santos. Os fios e seus teares: o processo de implantação da indústria têxtil em Alagoas na segunda metade do século XIX. **Documento/Monumento**, Cuiabá, v. 10, n. 1, p. 75-88, 2013.

FERNANDES, Florestan. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. In.: **Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada**. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971. (cap. 07)

FREDERICO, Celso. **A vanguarda operária**. São Paulo: Símbolo, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Americanismo e fordismo**. São Paulo: Hedra, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARVEY, David. A transformação político-econômica do capitalismo do final do século XX. In.: **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 115-184.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon (Org.). **Agruras e prazeres de uma pesquisadora**: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 77-88.

LESSA, Golbery. **Trama da memória, tecitura do tempo**: ethos e lugar dos operários têxteis alagoanos. Maceió. No prelo, 2008.

LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Editora Marco Zero; Brasília Editora da Universidade de Brasília, 1988.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio: uma leitura "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005. 160p.

LUKÁCS, Gyorgy. Consciência de classe. In: **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Operários em movimento**: documentos para a história da classe trabalhadora em Alagoas (1870-1960). Maceió: EDUFAL, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosófico**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O Capital**: crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. Livro I, vol. I. (cap. I, seção 1, p. 45-78).

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2003.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

REZENDE, Antônio Paulo. **História do movimento operário no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo - Rio de Janeiro: Boitempo - MMSD/UNIRIO, 2001. v. 1. 311p .

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Algodão: cultivo e indústria. In.: **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Instituto do Açúcar e do Álcool, Museu do Açúcar, 1970. p. 53-69.

SANTOS, Myrian Sepúlvida dos. **O pesadelo da Amnésia coletiva**. In.: Memória coletiva & teoria social. São Paulo: Annablume, 2003. p. 17-20.

SILVIERA, Paulo Silveira. Da alienação ao fetichismo. In.: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard. **Elementos para uma teoria marxista da subjetividade**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989. p. 41-76.

THOMPSON, Edward Palmer. O termo ausente: experiência. In.: **Miséria da teoria**: ou um planetário de erros, 2009.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In.: **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. (cap. IX).

WEIL, Simone. O desenraizamento. In.: **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 345-372.